



ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses
Volume 73

A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE,
TRANSIÇÃO E MUDANÇA

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

73

Ano de Edição

2022

Ano Associativo AAP

2021

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Inscrição paleocristã, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (fotografia de José Paulo Ruas)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud
- A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE, TRANSIÇÃO E MUDANÇA**
- 9 Encontro Internacional: *A Península Ibérica entre os Séculos V e X – Continuidade, Transição e Mudança*.
Apresentação
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Arqueologia e história da cidade do Porto no período tardo-antigo e alti-medieval
António Manuel S. P. Silva, Manuel Luís Real
- 37 Contextos Tardios no teatro romano de Lisboa: reconversão de espaços monumentais
Lídia Fernandes, Marco Calado, Carolina Grilo
- 47 Defensa de la muralla augustea de Emerita
Miguel Alba
- 67 Troia e a ocupação tardo-antiga no baixo vale do Sado
Ana Patrícia Magalhães
- 83 Da luz e das sombras. O caso da *villa* da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira) e a desestruturação da paisagem rural antiga
André Carneiro
- 97 A cidade romana de Balsa – novas e velhas evidências do período final da cidade
João Pedro Bernardes, Vítor Silva Dias
- 107 Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes
- 121 O Castro S. João das Arribas. Novos dados para a longa história nas Arribas
Mónica Salgado, Pedro Pereira, Susana Cosme
- 131 A ocupação tardo-antiga e alto-medieval no concelho de Santa Comba Dão (Viseu)
Pedro Matos, Helena Catarino
- 143 *Olysipona*, entre o Império e o Islão
Jacinta Bugalhão
- 157 El paisaje humano del territorio emeritense entre los siglos V al X
Bruno Franco Moreno
- 169 O que nos dizem do século VIII (algumas fontes coevas)
João António Ferreira Marques
- 177 Campesinos del entorno de Toledo en época emiral temprana (inicios s. VIII a mediados s. IX d.C.)
Alfonso Vigil-Escalera Guirado
- 187 Poblamiento emiral en el Garb al-Andalus
Susana Gómez Martínez
- 207 A presença cristã antiga e os primeiros tempos islâmicos no Castelo de Silves
Rosa Varela Gomes
- 221 Continuidad y cambio en la producción y consumo de la cultura material en Córdoba: siglos VII-X
Elena Salinas

- 235 Reflexiones sobre el mundo rural mozárabe. Materialidad, rituales y hábitos del poblado y cementerio de Tózar, Granada
Luca Mattei, Cristina Martínez Álvarez
- 245 Casa Branca, uma aldeia alto-medieval dos arredores de Évora
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Telmo Pinheiro Silva
- 265 Os primeiros vidrados no Gharb al-Andalus no século IX-X: análises arqueométricas e interpretação histórica
Elena Salinas, Carmen Iñiguez, M^a. José Gonçalves, Susana Gómez

ARTIGOS

- 275 Lisboa pelos olhos de Endovélico: o potencial de uma base de dados para o conhecimento das populações passadas
Filipa Neto, Cristina Barroso Cruz
- 285 Instrumentos Cirúrgicos Romanos na Quinta de Crestelos (Meirinhos-Mogadouro)
Luísa Batalha, Aaron Lackinger, Enrique Paniagua Vara, Sérgio Simões Pereira

COLÓQUIO DE HOMENAGEM A FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR

- 299 Apresentação – Colóquio de homenagem ao arqueólogo Francisco Tavares Proença Júnior
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 303 Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior
Ana Margarida Ferreira
- 307 Tavares Proença Júnior e a Covilhã – um trabalho por acabar...
Carlos Manuel Dias Madaleno
- 315 Contributos para a Carta Arqueológica do Concelho do Fundão. Inventários arqueológicos do Concelho do Fundão: de Francisco Tavares de Proença Júnior a 2016
Joana Bizarro
- 323 Arqueologia do concelho de Penamacor. Do inventário de 1910 ao inventário de 2016
Sara Ferro
- 331 Carta Arqueológica do Concelho de Belmonte após Francisco Tavares Proença Júnior
Elisabete Martins Robalo

RELATÓRIOS

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2021
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021. Plano de Actividades para o Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 355 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2021
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 359 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2021
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 361 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3^o milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2021
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

OLYSIPONA, ENTRE O IMPÉRIO E O ISLÃO

Jacinta Bugalhão

AAP / UNIARQ / CEAACP / DGPC / jacintabugalhao@gmail.com

Resumo

A escassez de contextos arqueológicos integráveis entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média na cidade de Lisboa publicados é uma problemática em aberto. Se é certo que a cidade existiu e persistiu neste lapso temporal, os restos materiais desta ocupação têm sido difíceis de integrar nesta cronologia, de localizar, ou se localizados, de interpretar de forma inequívoca.

Factores como a regressão urbana e demográfica, a continuidade na cultura material tardo-romana e a fraca ocorrência de espólio importado facilmente classificável e datável poderão concorrer para o actual estado de conhecimento sobre *Olysipona*, até aos primeiros tempos de *Madinat Ushbūna*.

Neste artigo será apresentado o ponto de situação sobre os dados recolhidos até ao presente, sobre a ocupação da cidade entre o Império Romano e o Islão na cidade de Lisboa.

Palavras-chave: Lisboa, Arqueologia, Antiguidade Tardia, Alta Idade Média.

Abstract

The scarcity of published archaeological contexts that can be integrated between Late Antiquity and the high Middle Ages in the city of Lisbon is an open problem among researchers. If it is true that the city existed and persisted in this time span, the material remains of this occupation have been difficult to integrate in this chronology, locate, or if located, to unequivocally interpret.

Factors such as urban and demographic regression, continuity in late-Roman material culture and the low occurrence of easily classifiable and datable imported assets may contribute to the current state of knowledge about *Olysipona* until the early times of the *Madinat al-Ushbuna*.

This paper presents the current status of the data collected so far on the occupation between the Roman Empire and Islam in the city of Lisbon.

Keywords: Lisbon, Archeology, Late Antiquity, High Middle Ages.

2001; Casimiro e Silva, 2013; Casimiro *et al.*, 2021a, 2021b), geoarqueológicos, sedimentológicos e polínicos (Currás *et al.*, 2020; Costa *et al.*, 2017, 2021 e 2022). Ao nível da formação académica, não têm sido desenvolvidos trabalhos sobre contextos arqueológicos lisboetas desta fase, embora se registem algumas teses sobre distintos âmbitos cronológicos, mas com dados relevantes para contextos tardo-antigos/alto-medievais (Silva, 2012; Santos, 2015; Silva, 2017).

Nunca é demais repetir, a fragilidade estrutural dos estudos arqueológicos em Portugal, que se faz sentir de forma particularmente intensa em Lisboa e que se consubstancia num número reduzido de projectos consistentes e sustentados de investigação programada. Podem, ainda assim, enumerar-se algumas linhas de investigação desenvolvidas em continuidade sobre o tema em análise.

A intervenção arqueológica realizada no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios entre 1991 e 1995 desencadeou um processo de investigação monográfica dos contextos aí exumados, incluindo sobre a ocupação entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média nesta zona marginal e ribeirinha da cidade (Amaro, 1995; Bugalhão, 2001; Duarte, 2001; Grilo, Fabião e Bugalhão, 2013; Grilo, 2014; Bugalhão, 2017, 2020, 2021 e no prelo).

A Câmara Municipal de Lisboa iniciou a sua intervenção no Teatro Romano de Lisboa nos anos 60, retomando-a entre o final dos anos 80 e meados dos anos 90 do século XX (Diogo e Trindade, 1999; Diogo e Sepúlveda, 2000). O “Programa de Recuperação do Teatro Romano de Lisboa” (iniciado em 1998 e que culminou com criação do Museu do Teatro Romano em 2001) e os trabalhos arqueológicos subsequentes constituíram-se num programa de intervenção e investigação em continuidade, integrando igualmente estudos sobre os contextos tardo antigos (Fernandes e Fernandes, 2014, p. 227-228; Fernandes, 2020a).

O projecto de estudo e valorização das muralhas de Lisboa iniciou-se no final dos anos 90 do século passado também na Câmara Municipal de Lisboa, tendo produzido diversos estudos sobre a milenar “Cerca Velha” no período em estudo (Carvalhinhos, Mota e Miranda, 2017; Mota, Carvalhinhos e Miranda, 2018; Filipe *et al.*, 2020).

O projecto “Lisbon Stories” (DGPC-LARC e IDL-FC-UL), iniciado em 2016, tem por objectivo compreender a evolução paleoambiental da margem Norte do Rio Tejo, nomeadamente as alterações da paisagem, da margem do Tejo e da ocupação humana deste território, produzindo em alguns resultados relativos à

Antiguidade Tardia (Currás *et al.*, 2020; Costa *et al.*, 2017 e 2021).

O projecto “Lisboa Romana Felicitas Iulia *Olisipo*” promovido pela Câmara Municipal de Lisboa, iniciado em 2018, tem essencialmente objectivos de divulgação científica e patrimonial, mas integra uma componente importante de sistematização de informação e publicação, contemplando contextos da Antiguidade Tardia (Bugalhão 2020; Caessa, Mota e Martins, 2020; Fernandes, 2020b; Fernandes e Fernandes, 2020; Filipe *et al.*, 2020; Gaspar e Gomes, 2020; Mota e Martins, 2020; Silva e Nozes, 2020; Casimiro *et al.*, 2021a, 2021b; Fabião, 2021; Filipe, Pimenta e Almeida, 2021; Silva, 2021; Silva, Casimiro e Alves-Cardoso, 2021; Viegas, Filipe e Pimenta, 2021).

A bibliografia sobre contextos arqueológicos de Lisboa entre a Antiguidade Tardia e Alta Idade Média contabiliza cerca de 80 entradas (numa recolha cuidada, mas seguramente não exaustiva), representando, aproximadamente, 8% do total. Estas referências bibliográficas constituem a base do presente trabalho.

2. DE OLISIPO A OLYSIPONA, ENTRE A ANTIGUIDADE TARDIA E A ALTA IDADE MÉDIA

Entre o século IV e meados do V, a estrutura urbana de *Olisipo* vinha registando diversas alterações e reestruturações. Um importante conjunto de edifícios e infra-estruturas públicas tinha sido abandonado e ou desfuncionalizado (Fernandes e Fernandes, 2020): o teatro – CNS 327 (Fernandes, 2020a, p. 486), as Termas dos Cássios – CNS 1191, 16063, 19769, 35895 (Silva e Nozes, 2020, p. 79), a artéria urbana do Claustro da Sé – 3229 (Gaspar e Gomes, 2020, p. 109), a necrópole Noroeste – CNS 1925 (Silva, 2012, p. 399; Silva, Casimiro e Alves-Cardoso, 2021, p. 65), o eventual edifício público do Largo de Santo António – CNS 10632 (Vale e Fernandes, 1994), o edificado sobre o criptopórtico – termas portuárias – CNS 6083 (Caessa, Mota e Martins, 2020, p. 85), o balneário do NARC – 1950 (Bugalhão 2020; Bugalhão *et al.*, 2021) e também o balneário privado da Rua da Adiça – CNS 35083 (Filipe e Santos, 2020, p. 84).

No século V, a indústria de reparados piscícolas entra em decadência, em consequência da progressiva extinção de um dos seus pressupostos fundamentais, a capacidade de escoamento da sua produção por exportação por via marítima para um mercado geograficamente muito alargado. Assim verificou-se o abandono progressivo e colapso da maioria das fábricas/oficinas de produção de preparados piscícolas situa-

das na periferia ribeirinha a sul e a sudoeste da cidade (Coelho, 1994, p. 76; Bugalhão, 2001, p. 171 e 2021, p. 20; Fabião, 2009, p. 29; Fabião, 2021, p. 32), na Rua dos Bacalhoeiros/Rua das Padarias – CNS 35339 (Fernandes *et al.*, 2011, p. 259), Rua dos Fanqueiros, 68-76 – Napoleão – CNS 13553 (Diogo e Trindade, 2000, p. 185), Rua da Madalena, 62-70/Rua de São Julião – CNS 36224 (Amaro, Manso e Sepúlveda, 2013, p. 757), Rua dos Douradores/Rua de São Nicolau – CNS 13050 (Sepúlveda, Gomes e Silva, 2003, p. 407).

Entre meados do Século V e o início do século VI, os dados arqueológicos conhecidos em Lisboa (cerâmica, elementos arquitectónicos, epigrafia, numismas) referem-se maioritariamente à Antiguidade Tardia, ou seja a contextos que revelam continuidade relativamente à cidade romana. A estes junta-se um conjunto de elementos arquitectónicos “visigóticos”, cuja cronologia se situa entre os séculos VI e VII, podendo prolongar-se até à transição para o domínio islâmico (cerca de 714). A relação evolutiva entre esta realidade histórica e a representada pelos elementos arquitectónicos moçárabes, relativos a igrejas cristãs construídas e utilizadas durante o domínio islâmico da cidade de Lisboa, carece de caracterização e clarificação. A inexistência, ou dificuldade de reconhecimento, de contextos arqueológicos alto-medievais claramente datados (agravadas pela ausência de produtos importados) condiciona o conhecimento que é possível aferir sobre esta fase de transição na história da cidade.

No que respeita à caracterização da paisagem, os elementos disponíveis resumem-se à Antiguidade Tardia, no século VI. O registo polínico estudado no âmbito do projecto “Lisbon Stories” evidencia uma paisagem aberta (possivelmente com desflorestação por intervenção humana), com a expansão de urze e vegetação de origem antrópica. Antevê-se a presença de diversas actividades agrícolas, incluindo criação de gado, produção de cereais, vinho e oliveira/azeite (Currás *et al.*, 2020).

2.1. A cidade dentro de muralhas

A muralha tardo-romana de *Olisipo*, edificada e/ou reestruturada entre o final do século III e o século V (Filipe *et al.*, 2020, p. 66-67), permaneceu em utilização entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média. A existência de uma estrutura fortificada na acrópole superior da colina de São Jorge – CNS 1101 não se encontra ainda comprovada, não obstante a identificação de epígrafes tardo-antigas/alto-medievais no Castelo, integradas em contexto arqueológico e/ou arquitectónico (Guerra, 2006). A manutenção em

uso da muralha romana foi comprovada nos troços intervencionados arqueologicamente, em contextos datáveis da Antiguidade Tardia, na envolvente directa e indirecta da muralha no Pátio da Senhora da Murça – CNS 6428, na Rua Norberto de Araújo – CNS 34395, na Rua de São João da Praça – CNS 16194, nos Armazéns Sommer – CNS 33750, no Arco Escuro – CNS 36208, no Campo das Cebolas – CNS 36185, na Casa dos Bicos – CNS 274 e na Rua dos Bacalhoeiros – CNS 36346 (Carvalhinhos, Mota e Miranda, 2017, p. 311; Filipe *et al.*, 2020, p. 54, 66-67; Neto *et al.*, 2021). Após o século VI, não foram ainda identificados contextos arqueológicos que comprovem a continuidade da utilização da muralha na Alta Idade Média. Contudo, para os lanços oriental e ribeirinho, é inequívoca a coincidência de traçado com a muralha em utilização em período islâmico, nos séculos XI e XII. À semelhança do que sucede para a muralha romana, permanece ainda por esclarecer definitivamente o traçado ocidental da muralha e a sua coincidência ou divergência relativamente ao traçado da posterior Cerca Velha.

O perímetro urbano terá sofrido uma retracção, relativamente a *Olisipo* romana (Coelho, 1994, p. 75; Bugalhão, 2021, p. 26) e encontram-se registadas diversas situações de privatização de espaços e monumentos públicos. Estes aspectos têm sido interpretados como indícios de um possível aumento da densidade ocupacional e populacional na zona urbana intramuralhas (Casimiro e Silva, 2013, p. 861; Fernandes e Fernandes, 2020, p. 221), onde têm sido identificados vestígios de urbanismo (estruturas, níveis ocupacionais, materiais arqueológicos e arquitectónicos, com informação e documentação muito variável), datáveis entre meados do século V e o século VI.

Na Rua do Recolhimento – CNS 11658 registaram-se estruturas (muros e pavimentos) associadas a depósitos contendo cerâmicas locais e importadas (Mota, Pimenta e Silva, 2014, p. 152). Na Rua da Adiça registou-se um enterramento com ritual cristão de um indivíduo jovem (Filipe e Santos, 2020, p. 84).

No espaço ocupado pelo Teatro romano já desfuncionalizado, entre os séculos V e VII foi construída uma estrutura habitacional com muros, pavimento e estrutura de combustão (talvez uma cozinha). A estratigrafia forneceu cerâmicas tardias orientais (ânforas *Late Roman* e *terra sigillata* foceense) e africanas (ânfora Keay 65 e cerâmica de cozinha) (Diogo e Trindade, 1999, pp. 83-95; Fernandes, 2020a, p. 486) e lucernas (Diogo e Sepúlveda, 2000, p. 155) da Antiguidade Tardia. Sobre este monumento registou-se também um contexto funerário, talvez associado a um eventual

templo paleocristão, a que nos referiremos adiante.

No actual Claustro da Sé, sobre as estruturas urbanas e viárias romanas, casas, lojas e canalizações permanecem em utilização nos séculos V-VI (Gaspar e Gomes, 2020, p. 107), tendo sido recuperada cerâmica fina importada – *terra sigillata* foceense e africana D, derivada de *sigillata* paleocristã –, ânforas orientais – *Late Roman* 1, 2 e 3 – e béticas – Dressel 23; e produções locais de ânforas – Almagro 51C e Almagro 51a-b, cerâmica comum de tradição romana, imitações de *sigillata* e cerâmica comum produzida em torno lento (Gaspar e Gomes, 2015). A eventual existência de um templo paleocristão visigótico ou moçárabe sob a Sé Catedral de Lisboa será abordada adiante.

Nos Armazéns Sommer, o espaço urbano público e privado foi reorganizado, compartimentado e, após o abandono, aterrado com depósitos contendo materiais da Antiguidade Tardia, até ao século VI (Ribeiro *et al.*, 2017, pp. 234-236). Destaca-se ainda o fundo cerâmico com motivo ritual judaico, igualmente do século VI (Fernandes e Fernandes, 2020, p. 230).

Nas Escadinhas de São Crispim – CNS 34675 foi identificado um importante depósito estratigráfico com abundante cerâmica tardo-antiga do século VI, importada (*terra sigillata* africana e foceense, cerâmica de cozinha africana, derivadas de *sigillata* paleocristã gálicas, ânforas do Mediterrâneo oriental e norte-africanas, etc), vidros, cerâmica comum local de tradição romana, ânforas lusitanas e cerâmica produzida a torno lento ou manualmente, por vezes com decoração incisa, de tradição alto-medieval (Quaresma, 2020).

No Palácio Condes de Penafiel, junto às já desfun-

cionalizadas Termas dos Cássios, o espaço urbano foi compartimentado e reorganizado, sobre um aterro deposto no século VI (Silva e Nozes, 2020, p. 79). No mesmo local foi escavada uma fossa cujo preenchimento continha cerâmica fina importada (*terra sigillata* tardia africana e foceense), ânforas orientais e norte africanas, um exemplar tardio de Almagro 51c lusitana, cerâmica comum local produzida a torno e um conjunto cerâmico maioritário de cerâmica manual ou produzida a torno lento, com cronologia afinada pelos investigadores para a 2.ª metade do século VI, eventualmente século VII (De Man e Silva, 2016, p. 59 e ss.). Neste local terá existido a primitiva igreja paleocristã de São Mamede que será referida adiante.

2.2. A cidade cristã, espaços religiosos e funerários

A implantação do cristianismo e da estrutura eclesiástica é um dos factores decisivos na transição entre *Olisipo* e *Olysipona* (Fernandes, 2020b, p. 146). Embora a diocese de *Olisipo* existisse pelo menos desde meados do século IV (Alarcão, 1994, p. 63; Coelho, 1994, p. 77), a consolidação do cristianismo e da estrutura eclesiástica terá sido relativamente tardia (Fernandes 2020, p. 146, 148-149). No século VI, já sob domínio visigótico, o cristianismo já era a religião predominante em Lisboa e no seu território de influência (Alarcão, 1994, p. 63; Fernandes, 2020b, p. 146). Esta evolução talvez explique e escassez e pouca expressividade dos contextos religiosos e funerários paleocristãos de *Olisipo* romana e mesmo tardo-antiga (Fernandes e Fernandes, 2020, p. 224-225).



Figura 2 – Fundo de recipiente cerâmico grafitado com a inscrição *VIVAS ITERI*, *crismon* e espigas, sugerindo leitura aproximada da expressão “que vivas em Cristo” (Guerra, 2021, p. 111).

Ainda assim, a literatura refere a eventual existência de templos paleocristãos visigóticos, com base em alguns indícios, mas não restos estruturais propriamente ditos. A informação material sobre estes edifícios é assim extraordinariamente escassa. A existirem, admite-se que possam ter funcionado, genericamente, entre o século V e o século VII.

No topo da colina de São Jorge, na zona do castelo medieval, foram recolhidas algumas epígrafes paleocristãs, tardo antigas e alto-medievais (Guerra, 2006, p. 290; Fernandes e Fernandes, 2020, p. 223) e também elementos arquitectónicos visigóticos (Fernandes e Fernandes, 2020, p. 228) que podem indiciar a eventual existência de um templo cristão (Fernandes, 2002, p. 60), talvez nas proximidades do local onde mais tarde se implantaria a mesquita da alcáçova (Silva, 2017, p. 165, 175, 198) e a Igreja de Santa Cruz do Castelo.

Em plena cidade muralhada regista-se uma concentração de elementos arquitectónicos, epigráficos e funerários que remetem para a existência de uma ou mais igrejas paleocristãs visigóticas entre o Palácio dos Condes de Penafiel, o Teatro romano, a Sé Catedral e o Largo de Santo António.

O templo paleocristão de São Mamede será o de existência mais solidamente determinada, podendo ter sido construído entre os séculos V-VI (De Man e Silva, 2016, p. 59-60; Fernandes, 2020b, p. 146; Fernandes e Fernandes, 2020, p. 226), ou mesmo o século VII (De Man e Silva, 2016, p. 61). No Palácio dos Condes de Penafiel e na sua envolvente (Rua de São Mamede ao Caldas, Largo do Correio Mor) foram recolhidos diversos elementos arquitectónicos visigóticos (Real, 1995, p. 54; Fernandes, 2002, p. 61; Fernandes e Fernandes, 2014, pp. 233-235; Fernandes e Fernandes, 2020, p. 227), uma epígrafe funerária (Diogo, 1994; Trindade e Diogo, 1999; Real, 1995, p. 54; Fernandes e Fernandes, 2020, p. 226) e restos osteológicos humanos (Trindade e Diogo, 1999; De Man e Silva, 2016, p. 61). Presume-se assim a existência de um templo visigótico e espaço funerário adjacente que terá persistido sob domínio islâmico, como igreja moçárabe, e portuguesa, a igreja medieval de São Mamede.

No espaço do antigo Teatro romano e na sua envolvente (na Rua de São Mamede, 9 – CNS 19842), foram recolhidos elementos arquitectónicos eventualmente integrantes de uma igreja visigótica (Diogo e Sepúlveda, 2000, p. 155; Fernandes e Fernandes, 2014, p. 229, 239-240; Fernandes e Fernandes, 2020, p. 223, 227-228), registando-se também uma sepultura de criança em ânfora, datável do século VI (Fernandes, 2020a, p. 486).

A sul, no local de implantação da Sé Catedral de Lisboa, é igualmente referida a hipótese de existência de um templo paleocristão (Coelho, 1994, p. 75), talvez a sede do bispado visigótico (Alarcão, 1994, p. 63). Mas, de facto, os diversos elementos arquitectónicos associados directamente a este monumento, são posteriores, integrando o chamado núcleo moçárabe de Lisboa (Salvado e Ferreira, 1984; Real, 1994, p. 232-233; Real, 1995, 58; Fernandes, 2002, p. 66-70; Fernandes e Fernandes 2014, p. 226; Fernandes e Fernandes, 2020, p. 230). Ou seja, a existir neste local uma igreja cristã anterior à mesquita almorávida, afigura-se mais provável que a sua construção tenha ocorrido sob domínio islâmico.

No Largo de Santo António, já na saída da cidade para sudoeste, foi recolhido um friso que poderia também integrar um edifício religioso de época visigótica (Fernandes e Fernandes, 2014, p. 232-233; Fernandes e Fernandes, 2020, p. 227). Um pouco a norte, junto à Cerca Moura, mas no seu exterior, a igreja de Santa Maria de Alcami (posteriormente, igreja de São Cristóvão – CNS 33608) terá sido fundada apenas em fase avançada do domínio islâmico, tratando-se portanto de um templo moçárabe (Real, 1995, p. 54; Fernandes e Fernandes 2014, p. 239; Silva, 2017, p. 65).

2.3. Em torno da cidade, do subúrbio ao arrabalde

2.3.1. Para Ocidente

Como foi referido, entre a segunda metade do século V e o século VI, a área ribeirinha ocupada pelo antigo subúrbio ocidental de *Olisipo* regista uma progressiva desurbanização, potenciada pelo declínio da indústria conserveira piscícola. Durante o século VI, pontualmente ou parcialmente, terão subsistido em laboração algumas fábricas/oficinas de produção de conservas de peixe (Fabião, 2009, p. 29; Bugalhão, 2021, p. 26; Fabião, 2021, p. 32). No NARC, foram identificados alguns depósitos associados ao abandono de cetárias e outras áreas industriais, com cerâmicas importadas – *terra sigillata tardia*, africana, foceense, ânforas africanas e orientais tardias – e de produção local, como as imitações de *sigillata*, ânforas piscícolas tardias (Grilo, 2014, p. 93; Bugalhão, 2021, p. 26), vidros (Medici, 2012, p. 324), etc, datáveis entre o século V e o VI.

Na estrutura viária envolvente à cidade regista-se também uma continuidade, pelo menos até ao século VI. Mantém-se em utilização a via sudoeste da cidade identificada no NARC (Bugalhão, 2017, p. 122), como sugerem os depósitos arqueológicos identificados na

sua envolvente, no NARC, Rua dos Fanqueiros (Diogo e Trindade, 2000, p. 184), Rua dos Douradores/Rua de São Nicolau (Sepúlveda, Gomes e Silva, 2003, p. 404 e ss.; Casimiro e Silva, 2013, p. 861) e Rua da Madalena/Rua de São Julião. Estes depósitos integram cerâmica comum e anfórica de tradição romana produzidas local e regionalmente e cerâmica importada fina – *terra sigillata* tardia, africana, foceense, derivada de paleocristã gálica – e ânforas tardias africanas e orientais, com cronologias entre finais do século V e meados do século VI. Nos mesmos contextos, e nos que se lhe sobrepõem, ocorrem também cerâmicas produzidas a torno lento e de produção manual, por vezes com decorações incisas e plásticas digitadas integráveis na cultural material alto-medieval, no NARC (Grilo, Fabião e Bugalhão, 2013, p. 851-852; Bugalhão, 2021, p. 26) e na Rua dos Fanqueiros (Diogo e Trindade, 2000, p. 184). Na Rua dos Douradores/Rua de São Nicolau, para além dos depósitos estratigráficos mencionados foi registada uma estrutura precariamente conservada (Sepúlveda, Gomes e Silva, 2003, p. 404; Casimiro e Silva, 2013, p. 861; Casimiro *et al.* 2021b, p. 120) e por isso, de funcionalidade indeterminada.

No século VII, aparentemente, a antiga via sudoeste localizada no NARC já não estaria em utilização, mas o eixo viário milenar que atravessava o vale da Baixa junto ao Tejo, terá subsistido, deslocando-se para sul, à medida que a sedimentação progressiva dos grandes edifícios romanos arruinados, os despejos para a margem e o assoreamento/conquista de terrenos na margem do Tejo, a empurravam também para o leito fluvial. Este eixo terá acompanhado a evolução da margem do Tejo, na cidade alto-medieval, islâmica e cristã, com aterros e arruamentos (que terão dado origem

à Rua Nova dos Mercadores do final do século XIII) e com a construção das muralhas medievais da Ribeira de Lisboa (Costa, 2017, p. 766; Bugalhão, 2021, p. 32; Bugalhão, no prelo).

Fora das muralhas da cidade, na área anteriormente ocupada pelo subúrbio romano, está presentemente bem documentada a existência de uma extensa área cemiterial da Antiguidade Tardia, entre o final do século V e os séculos VI-VII, na envolvente da via sudoeste (Casimiro e Silva, 2013, p. 861; Silva, 2021, p. 29). No NARC foi identificada a sepultura de um adulto, implantada na parede de uma cetária abandonada e parcialmente sedimentada, estruturada com *imbrices* e coberta com uma pequena laje (Bugalhão, 2001, p. 161-162; Duarte, 2001, p. 162-165; Bugalhão, 2021, p. 27-28). Na Rua São Nicolau registam-se quatro sepulturas de crianças (a que se juntariam outras nas proximidades), em covacho, uma das quais coberta com *imbrices* (Casimiro e Silva, 2013, p. 860-861; Casimiro *et al.* 2021b, p. 120). Na área posteriormente ocupada pelo quarteirão da Baixa do Convento de *Corpus Christi* – CNS 33581, foram registados dois núcleos funerários, com inumações em covacho, um com três adultos e uma criança e outro, com dois adultos (Casimiro *et al.* 2021b, p. 120). Na Rua da Prata – CNS 35823 recuperaram-se cinco enterramentos de crianças no interior de uma grande cetária, em covacho, sobre base de pequenas pedras e cerâmicas (Casimiro *et al.* 2021a, p. 121).

O espaço funerário parece ser de baixa densidade, com sepulturas dispersas ou em pequenos núcleos, com áreas especializadas ou diferenciadas (para crianças, por exemplo). As sepulturas reutilizam por vezes as fábricas abandonadas e devolutas e as suas

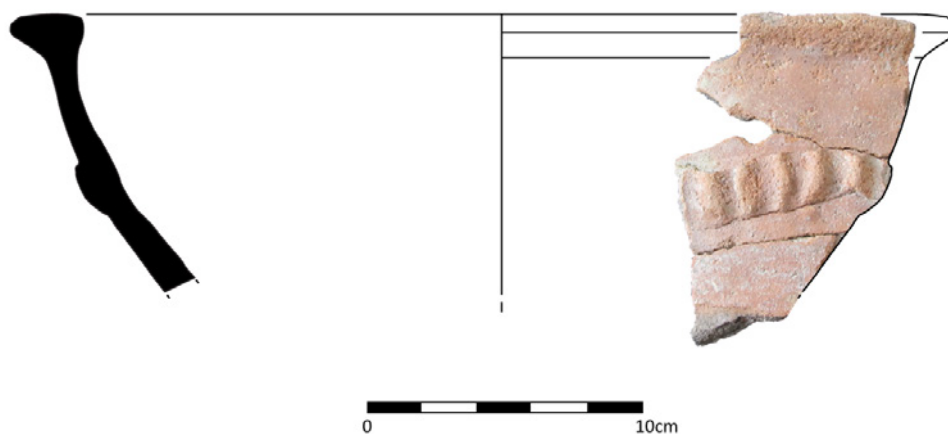


Figura 3 – Alguidar em cerâmica manual com aplicações plásticas digitadas, século VI (- VII?). Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Grilo, Fabião e Bugalhão, 2013, p. 857).

estruturas funerárias são inexistentes ou muito simples, integrando *imbrices*, lajes e pequenos blocos pétreos e cerâmicos, com ou sem cobertura. Os corpos encontram-se em decúbito dorsal, com orientações distintas. Não se regista espólio funerário. Seria um cemitério cristão, embora não se encontre, aparentemente associado a nenhum templo, cuja eventual existência sobre o criptopórtico romano é uma hipótese, por enquanto demasiado remota (Caessa Nozes e Mota, 2018, p. 529-530).

O porto de *Olysiþona* continuava a funcionar com bastante intensidade no século VI, integrando os circuitos marítimos tardo-antigos mediterrânicos e atlânticos (Fabião, 2009, p. 43), como comprovam os abundantes materiais cerâmicos importados de diversos pontos do Mediterrâneo recolhidos em Lisboa (Fabião, 2009, p. 28-31; Filipe, Pimenta e Almeida, 2021, p. 113, 124; Viegas, Filipe e Pimenta, 2021, p. 134-135), bem como os achados epigráficos tardo-romanos e alto-medievais (Guerra, 2006, p. 292).

Em frente à cidade, na praia fluvial sob o actual Banco de Portugal – CNS 31018, recolheu-se *terra sigillata* importada (Santos, 2015, p. 76) e imitação de *sigillata* africana (Santos, 2015, p. 90), com cronologias entre o século V e VI.

A zona de fundeadouro na Praça D. Luís I – CNS 32983, localizada na antiga enseada da Boavista, de águas calmas e baixa profundidade (Costa *et al.*, 2021, p. 26), continuou a desempenhar a sua função portuária, pelo menos, até meados do século V a inícios do século VI, conservando no seu leito imitações tardias de *sigillata* africana (Parreira e Macedo, 2013, p. 749). Os contextos tardo-antigos escavados no actual Palácio Conde Barão de Alvíto – CNS 35895 (Neto *et al.*, 2020) poderão relacionar-se com a utilização deste espaço portuário.

Na continuação do eixo viário ribeirinho para ocidente, poderia localizar-se um dos primeiros templos paleocristão de *Olisipo*, dedicado aos mártires de Júlia, Máxima e Veríssimo (fundadores da igreja *olisiponense*, no início do século IV), onde mais tarde se ergueria a igreja medieval de Santos-o-Velho – CNS 6252 (Fernandes, 2020b, p. 146). Sobre as suas eventuais origens tardo-antigas ou alto-medievais (segunda metade do século V – século VI) há a referir a recolha de um elemento arquitectónico (Almeida, 1966-1967, p. 228-229; Alarcão, 1994, p. 63; Fernandes, 2020b, p. 146-148; Fernandes e Fernandes, 2020, p. 230) e os resultados da datação absoluta dos restos de ossadas atribuídos aos mártires (Antunes e Cunha, 1991).

Este eixo viário, que seguia junto ao rio na direcção

ocidental, poderia manter-se ainda em utilização no século VI, na zona do actual Palácio Conde Barão de Alvíto, onde foram identificados níveis estratigráficos (com cerâmica fina importada) e sepulturas possivelmente da Antiguidade Tardia (Neto *et al.*, 2020) e em Belém, junto à antiga fábrica romana de preparados piscícolas da Casa do Governador – CNS 18071 (Fabião, 2009, p. 26). Mais para noroeste, já em espaço rural, registaram-se sepulturas da Antiguidade Tardia, na Tapada da Ajuda – CNS 3340 (Cardoso, Amaro e Batalha, 2018).

2.3.2. Para Norte

A via Norte de *Olisipo* identificada sob a actual Praça da Figueira mantinha-se ainda em utilização no século VI (Silva, 2018, p. 84). O eixo viário decerto persistiu, pois no mesmo local, um pouco para Poente, foi encontrado um troço viário do final do período islâmico, correspondente à Corredoura, estrada medieval que saía de Lisboa na direcção Norte (Fialho, 2018, p. 140; Silva, 2018, p. 84).

2.3.3. Para Nascente

No exterior do troço nascente da muralha da cidade, na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, no Largo das Portas do Sol – CNS 6474, 15643, foi registado um nível estratigráfico que embalava, entre outras, cerâmicas finas importadas (*terra sigillata* tardia, africana e foceense), formado entre o final do século V ou inícios do VI (Silva, 2014, p. 183).

Mais a sul, na actual da Rua da Regueira – CNS 37458 passaria a via romana sudeste de *Olisipo*, que no século VI deveria permanecer em utilização. Junta a esta, documentaram-se também contextos ocupacionais (construção com pavimento em terra batida e telhado em *imbrices*) ocupados até século VI. Entre as cerâmicas recolhidas nos níveis de abandono, registam-se ânforas tardias orientais e africanas associadas a cerâmica de produção manual (Silva, 2012, vol. 2, p. 322-323).

Também fora da cidade, a nordeste, localizava-se o mosteiro paleocristão visigótico de São Félix de Chelas – CNS 6096, de onde provém inscrições funerárias do século VI e VII (Alarcão, 1994, p. 63; Real, 1995, p. 54; Fernandes, 2002, p. 61; Fernandes e Fernandes, 2020, p. 230-231; Silva, 2021, p. 29), para além de importantes elementos arquitectónicos posteriores, integrantes do núcleo de arte moçárabe de Lisboa.

3. NOTAS FINAIS

Com o presente trabalho pretende-se contribuir para a sistematização dos dados arqueológicos recolhidos na cidade de Lisboa, publicados e/ou disponibilizados publicamente até ao momento presente, datáveis entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média, até ao início da ocupação islâmica.

Após a integração no domínio visigótico por volta do ano 469 (Alarcão, 1994, p. 63; Coelho, 1994, p. 78-79; Fernandes, 2020b, p. 141, 144-145) e beneficiando da sua situação geográfica marginal, *Olysipona* manteve um carácter autónomo e relativamente arredado dos centros políticos (Coelho, 1994, p. 76). Este afastamento do poder político e dos territórios instáveis de fronteira pode ter proporcionado à cidade uma transição menos conturbada (Fernandes, 2020b, p. 141), permitindo o prolongamento da Antiguidade, a nível cultural, social, comercial, económico e, portanto, urbano.

Na estrutura urbana parece verificar-se uma continuidade relativamente ao período tardo-romano, com persistência da linha de muralhas e rede viária. A cidade era menos extensa, muralhada e, talvez, mais densamente povoada. Entre a segunda metade do século V e o século VI, *Olysipona* continua a ser um porto importante nas rotas comerciais mediterrânicas e entre o Mediterrâneo e a rota atlântica setentrional.

O cristianismo tornou-se a religião dominante e, nos séculos V, VI e VII, existiam na cidade igrejas com espaços funerários adjacentes. Fora da cidade e junto aos eixos viários, implantavam-se outros edifícios religiosos e cemitérios. É certo que desconhecemos ainda muito da cidade visigótica (Fernandes, 2002, p. 59, 61), talvez porque esta encontre expressão material apenas nos edifícios religiosos. Com a desestruturação dos poderes político-institucionais, o bispo da cidade (desde o século IV, mas principalmente a partir do século VI) poderá ter assumido, juntamente com as elites locais, a função de autoridade.

A rede viária romana em utilização até ao século VI foi de seguida abandonada, mas os eixos viários persistiram apenas com ligeiras deslocalizações. Na área ribeirinha ocupada pelo antigo subúrbio sudoeste de *Olisipo* instala-se um cemitério, que poderá ter sido utilizado a partir do século VI, mas cujo limite temporal superior é difícil precisar. No limite, pode prolongar-se até ao século IX, uma vez que o arrabalde ocidental de *Madīnat Ushbūna* ter-se-á constituído a partir do século X (Bugalhão *et al.*, 2008, p. 120; Bugalhão e Fernandes, 2012; Bugalhão, 2021, p. 28).

Na cidade e nos subúrbios sudoeste e sudeste, coexistem-se diversos contextos ocupacionais urbanos, datáveis entre os séculos V e VI, podendo até atingir o século VII, que registam uma associação de produções cerâmicas característica da transição entre a Antiguidade Tardia e Alta Idade Média.

Estes conjuntos integram cerâmica comum e anfórica de tradição romana, já produzida local e regionalmente nos séculos IV e V. Regista-se continuidade na utilização de formas tardias das ânforas Almagro 51c, Almagro 50, Almagro 51 a-b (Fabião, 2009, p. 30-31; Filipe, Pimenta e Almeida, 2021, p. 124), Keay 16 e, possivelmente, Lusitana 9, produzidas no estuário do Tejo. Ou seja, presume-se a continuidade da produção e consumo de conservas de peixe (em muito menor escala) e vinho, a nível local e regional e, talvez, também a sua exportação. É igualmente produzido e consumido local e regionalmente, um variado conjunto de cerâmicas tardias de imitação de *sigillata*, de protótipos norte-africanos, gálicos e hispânicos.

Olysipona continuou a consumir produtos importados, encontrando-se nestes contextos urbanos a presença sistemática de importações tardias do Mediterrâneo oriental – *terra sigillata* focense, ânforas *Late Roman* – e do Norte de África – *terra sigillata*, cerâmica de cozinha, ânforas tardias, Keay 56-57 e 65, *spathion* – e, mais esporadicamente, do Mediterrâneo central – derivadas de *sigillatas* paleocristãs gálicas – e hispânicas – *terra sigillata* tardia e ânforas, como a Keay 16 e a Dressel 23 (Fabião, 2009, p. 30, 33, 38; Filipe, Pimenta e Almeida, 2021, p. 124; Viegas, Filipe e Pimenta, 2021, p. 134-135).

Mas nestes contextos urbanos, marca também presença, normalmente discreta mas por vezes maioritária (De Man e Silva, 2016, 2016, p. 61; Gaspar e Gomes, 2015, p. 853), um repertório limitado de formas cerâmicas de uso doméstico (alguidar, cântaro, jarro, panela, pote, tigela ou bacia), produzidas a torno lento ou manualmente, de pasta pouco depurada de tenacidade frível, com escasso tratamento de superfícies, cozedura que parece evoluir de oxidante para redutora ou redutora-oxidante, por vezes ostentando decoração incisa, digitada e aplicações plásticas, de filiação alto-medieval. Estas produções são um traço material culturalmente significativo, possivelmente relacionado com a emergência progressiva de uma cidade diferente, menos extensa e populosa, cristã e com uma economia baseada na exploração de recursos agrícolas e pecuários, com ligações comerciais reduzidas territorialmente, a *Olysipona* alto-medieval (Fernandes e Fernandes, 2020, p. 231).

Olysiptona capitulou perante o invasor muçulmano, por volta do ano 714. Mas por enquanto, da cidade muçulmana dos séculos VIII e IX, da cidade integrada nas estruturas emirais e califais de poder do *al-Andalus* e da cidade plenamente integrada na cultura e civilização islâmica mediterrânica, ainda quase nada se conhece (Bugalhão, 2009 e no prelo; Bugalhão e Fernandes, 2012, p. 73). A inexistência ou dificuldade de reconhecimento de contextos arqueológicos desta cronologia condiciona o conhecimento sobre a transição entre a Alta Idade Média e a ocupação islâmica em Lisboa. Mas é possível também que ainda não consigamos reconhecer a cidade destes dois séculos, onde, talvez as igrejas visigóticas tenham evoluído para moçárabes e a ausência de indicadores cerâmicos importados e cronologicamente reconhecíveis nos impeça de ver uma cidade ainda essencialmente alto-medieval, em transição por enquanto ainda imprecisa, para a florescente e fervilhante *Madīnat Ushbūna* dos séculos X, XI e XII (Bugalhão, 2009 e no prelo; Silva, 2017).

É portanto fundamental investir na investigação, multidisciplinar (com a história e a história de arte, as ciências do território e as arqueociências) sobre contextos arqueológicos urbanos com larga diacronia ocupacional, localizados no núcleo muralhado alto-medieval, revendo estratigrafias e respectivo espólio. Na cerâmica recolhida nestes contextos será essencial definir fabricos, morfologias e tipologias, técnicas ornamentais e iconografia, quer para as produções locais (e sua influências meridionais e setentrionais), quer para os eventuais produtos exógenos importados de outras regiões.

Insiste-se na relevância do apoio à investigação e na necessidade de melhorar as condições de investigação, ou seja, as infra-estruturas públicas de arquivo, depósito, sistematização e disponibilização aos investigadores de espólio e registos primários provenientes das intervenções arqueológicas realizadas na cidade de Lisboa, como única via para desvendar e consolidar o conhecimento sobre Lisboa tardo-antiga e alto-medieval.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge (1994) – Lisboa romana e visigótica. In ARRUDA, Ana, dir. – *Lisboa Subterrânea*. Lisboa/Milão: Sociedade Lisboa 94; Electa, pp. 58-63.

ALMEIDA, Fernando de (1958) – Pedras visigodas de Lisboa. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 68, 1-2 (Jan.-Jun.), pp. 117-137.

ALMEIDA, Fernando de (1966-1967) – Mais pedras visigóticas de Lisboa e do grupo lusitano. *Arquivo de Beja*. Beja. 23-24, pp. 224-240.

ALMEIDA, Fernando de (1974-1975) – Lisboa romana e visigótica. *Olisipo. Boletim do Grupo Amigos de Lisboa*. Lisboa. 137-138, pp. 8-19.

AMARO, Clementino, coord. (1995) – *Núcleo Arqueológico Rua dos Correiros*. Lisboa: Fundação Banco Comercial Português, 53 p.

AMARO, Clementino; MANSO, Cláudia; SEPÚLVEDA, Eurico (2013) – Complexo industrial romano de preparados de peixe da Baixa. Sua abordagem a partir de dois novos equipamentos. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 755-763.

ANTUNES, Miguel Telles; CUNHA, Armando Santinho (1991) – *Santos mártires de Lisboa: espólio osteológico de Santos-onovo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 57 p.

BUGALHÃO, Jacinta (2001) – *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros* (Trabalhos de Arqueologia, 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 186 p.

BUGALHÃO, Jacinta (2009) – Lisboa islâmica: uma realidade em construção. In *Actas do 6.º Encontro de Arqueologia do Algarve. O Gharb no al-Andalus: sínteses e perspectivas de estudo. Homagem a José Luís de Matos (Silves, 23, 24 e 25 de Outubro, 2008)* (Xelb: Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História, 9). Silves: Câmara Municipal de Silves/Museu Municipal de Arqueologia, pp. 337-392.

BUGALHÃO, Jacinta (2017) – O eixo viário ocidental de *Olisipo*. In FERNANDES, Lídia; BUGALHÃO, Jacinta; FERNANDES, Paulo Almeida, eds. – *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 120-123.

BUGALHÃO, Jacinta (2018) – Arqueologia urbana, em Portugal, hoje. *Revista Património*. Lisboa. 5 (2017-2018), pp. 30-39.

BUGALHÃO, Jacinta (2020) – Um *balnea* da baixa de *Felicitas Iulia Olisipo*. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros. In FERNANDES, Lídia; FERNANDES, Paulo Almeida, eds. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaço(s) de representação de cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 94-103.

BUGALHÃO, Jacinta (2021) – *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros. Rua dos Correiros Archaeological Site*. Lisboa: Fundação Millennium bcp, 162 p.

BUGALHÃO, Jacinta (no prelo) – Lisboa Medieval: contributo da arqueologia para a construção do discurso histórico. In *Lisboa não é só Subterrânea. 25 anos depois de uma exposição*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda/Museu Nacional de Arqueologia.

BUGALHÃO, Jacinta; FERNANDES, Isabel Cristina (2012) – A cerâmica islâmica nos Estuários do Tejo e Sado. *Arqueologia Medieval*. Porto/Mértola. 12, pp. 71-90.

BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Sofia; SOUSA, Maria João; FOLGADO, Deolinda; GONZÁLEZ TINTURÉ, Antónia; MORENO GARCÍA, Marta; DIAS, Maria Isabel; PRUDÊNCIO, Maria Isabel (2008) – Produção e consumo de cerâmica islâmica em Lisboa: conclusões de um projecto de investigação. *Arqueologia Medieval*. Porto/Mértola. 10, pp. 113-134.

BUGALHÃO, Jacinta; NUNES, Ana; GOMES, Ana Sofia; GRILO, Carolina; FERNANDES, Lídia; FERNANDES, Isabel; CACHÃO, Mário; COSTA, Ana Maria; FREITAS, Maria da Conceição; GABRIEL, Sónia; CURRÁS, Andrés (2021) – Mosaico romano do NARC, Lisboa: estrutura construtiva, materiais e estratigrafia. In ANTUNES, Ana Sofia; NOZES, Cristina; CARVALHINHOS, Marina; LEITÃO, Vasco, coord. – *II Encontro de Arqueologia de Lisboa. Arqueologia em Meio Urbano. Teatro Aberto, 22 a 24 de Março de 2018*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 203-252. Disponível em: https://issuu.com/cal_centro_de_arqueologia_de_lisboa/docs/atas_iiencontroarqueologia.

CAESSA, Ana; ENCARNAÇÃO, José d' (2012) – Epigrafia de Olisipo – 66 anos depois! In DONATI, Ângela; POMA, Gabriella, ed. – *L'Officina Epigrafica Romana: In ricordo di Giancarlo Susini. Atti del Convegno di Bertinoro, 16-18.09.2010* (Epigrafia e Antichità, 30). Faenza: Fratelli Lega Editori, pp. 403-420.

CAESSA, Ana; MOTA, Nuno; MARTINS, Pedro Vasco (2020) – Criptopórtico: arqueologia e arquitetura de um equipamento portuário. In FABIÃO, Carlos, coord. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. A morfologia Urbana*. Lisboa: Caleidoscópio/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 72-91.

CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; MOTA, Nuno (2018) – Uma mesquita no arrabalde ocidental de al-Ušbūna. In ANDRADE, Amélia Aguiar; TENTE, Catarina; SILVA, Gonçalo Melo da; PRATA, Sara, eds. – *Espaços e Poderes na Europa Urbana Medieval* (Coleção Estudos, 18). Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 521-535.

CARDOSO, Guilherme; AMARO, Clementino; BATALHA, Luísa (2018) – O Sítio Arqueológico do Alto da Casa Branca (Tapada da Ajuda, Lisboa). *Al-Madan Online*. Alameda. 22:1, 2018 (Janeiro), pp. 35-40.

CARVALHINHOS, Marina; MOTA, Nuno; MIRANDA, Pedro (2017) – Indagações arqueológicas na muralha antiga de Lisboa: o lan-

ço oriental entre a Alcáçova do Castelo e o Miradouro de Santa Luzia (Santa Maria Maior, Lisboa). In CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da, eds. – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML. p. 298-336. Disponível em: https://www.academia.edu/35577935/Indaga%C3%A7%C3%B5es_arqueol%C3%B3gicas_na_muralha_antiga_de_Lisboa_o_lan%C3%A7o_Oriental_entre_a_Alc%C3%A1cova_do_Castelo_e_o_Miradouro_de_Santa_Luzia.

CARVALHINHOS, Marina; MOTA, Nuno; MIRANDA, Pedro (2017) – Indagações arqueológicas na muralha antiga de Lisboa: o lanço oriental entre a Alcáçova do Castelo e o Miradouro de Santa Luzia (Santa Maria Maior, Lisboa). In CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da, coord. – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 298-336.

CASIMIRO, Sílvia; MANSO, Cláudia; NETO, Nuno; REIS, Joana; OLIVEIRA, J. M.; ALVES-CARDOSO, Francisca (2021a) – Núcleos Ocidentais III – Rua da Prata: evidências fúnebres da Antiguidade Tardia. In SILVA, Rodrigo Banha da, ed. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. Para além desta vida. A memória funerária da cidade*. Lisboa: Caleidoscópio/Câmara Municipal de Lisboa, p. 121.

CASIMIRO, Sílvia; OLIVEIRA, J. M.; MANSO, Cláudia; SILVA, Rodrigo Banha da; SEABRA, A. (2021b) – Núcleos Ocidentais II – Rua de São Nicolau e Corpus Christi: discretas evidências da Antiguidade Tardia. In SILVA, Rodrigo Banha da, ed. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. Para além desta vida. A memória funerária da cidade*. Lisboa: Caleidoscópio/Câmara Municipal de Lisboa, p. 120.

CASIMIRO, Sílvia; SILVA, Rodrigo Banha da (2013) – Enterramentos infantis Tardo-antigos na Rua de São Nicolau (Lisboa). In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 859-863. Disponível em https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/outras_publicacoes/arqportugal_150anos.pdf.

COELHO, António Borges (1994) – O domínio germânico e muçulmano. In MOITA, Irisalva, ed. – *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 75-88.

COSTA, Ana Maria; FREITAS, Maria da Conceição; LOPES, Vera; ANDRADE, César; BUGALHÃO, Jacinta; BARROS, Pedro (2017) – Reconstrução paleoambiental da margem Norte do rio Tejo através da análise multiproxy de sedimentos recolhidos em contexto de obra com achados arqueológicos. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea (coord.) – *Arqueologia em Portugal 2017. Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 365-774.

COSTA, Ana M.; FREITAS, Conceição; LOPES, Vera; BUGALHÃO, Jacinta; ANDRADE, César (2021) – A contribuição da geo-

logia na compreensão da evolução ambiental da margem norte do rio Tejo - resultados do projecto Lisbon Stories. In ANTUNES, Ana Sofia; NOZES, Cristina; CARVALHINHOS, Marina; LEITÃO, Vasco, coord. – *II Encontro de Arqueologia de Lisboa. Arqueologia em Meio Urbano. Teatro Aberto, 22 a 24 de Março de 2018*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 603-631. Disponível em: https://issuu.com/cal_centro_de_arqueologia_de_lisboa/docs/atas_iiencontroarqueologia.

COSTA, Ana Maria; FREITAS, Maria da Conceição; BUGALHÃO, Jacinta; FONSECA, Cristóvão; LOPES, Vera; PINTO, Cláudia (2022) – Paisagens submersas do Porto de *Olisipo*: primeira abordagem. *Revista SCAENA Lisboa*. Lisboa. 3 (Ciclo de Palestras “O rio como horizonte”), pp. 18-29.

DE MAN, Adrien; SILVA, Rodrigo Banha da (2016) – Um refinamento de dados alto medievais do Palácio dos Condes de Penafiel. In FONTES, João Luís Inglês; OLIVEIRA, Luís Filipe Simões Dias de; TENTE, Catarina; FARELO, Mário Sérgio da Silva; MARTINS, Miguel António Gomes, eds. – *Lisboa Medieval. Gentes, espaços e poderes* (Coleção Estudos, 15). Lisboa: IEM, pp. 57-65.

DIOGO, António Dias (1994) – 284 Fragmento de sepultura paleocristã. In ARRUDA, Ana, dir. – *Lisboa Subterrânea*. Lisboa/Mi-lão: Sociedade Lisboa 94; Electa, pp. 231-232.

DIOGO, António M. Dias; SEPÚLVEDA, Eurico (2000) – As lucernas das escavações de 1983/93 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, pp. 153-161.

DIOGO, António M. Dias; TRINDADE, Laura (1999) – Ânforas e *sigillatas* tardias (claras, foceenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, pp. 83-95.

DIOGO, António M. Dias; TRINDADE, Laura (2000) – Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 3:1, pp. 181-205.

DUARTE, Cidália (2001) – Sepultura tardo-romana do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. Descrição antropológica. In BUGALHÃO, Jacinta – *A indústria romana de transformação e conserva de peixe, em Olisipo. Núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros* (Trabalhos de Arqueologia, 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 161-167.

FABIÃO, Carlos (2009) – O Ocidente da Península Ibérica no século VI: sobre o *pentanummius* de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 4. Disponível em: http://www.nia-era.org/publicacoes/cat_view/1-revista-apontamentos/13-apontamentos-4-2009.

FABIÃO, Carlos (2021) – A produção de preparados piscícolas. In FABIÃO, Carlos; NOZES, Cristina; CARDOSO, Guilherme, eds. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. A cidade produtora (e consumidora)*. Lisboa: Caleidoscópico/Câmara Municipal de Lisboa/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 25-35.

FERNANDES, Lúcia (2020a) – Reconversion de espacios monumentales: el caso del Teatro Romano de Lisboa / *Felicitas Iulia Olisipo*. In MATEOS CRUZ, Pedro; MORÁN SÁNCHEZ, Carlos Jesús, eds. – *Exemplum et Spolia. La reutilización arquitectónica en la transformación del paisaje urbano de las ciudades históricas* (Mytra, Monografías y Trabajos de Arqueología, 7), vol. II. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, pp. 483-491.

FERNANDES, Lúcia; FERNANDES, Paulo Almeida (2014) – Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitectónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 17, pp. 225-243.

FERNANDES, Lúcia; MARQUES, António; FILIPE, Victor; CALADO, Marco (2011) – A transformação de produtos piscícolas durante a Época Romana em Olisipo: o núcleo da Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 14, pp. 239-261.

FERNANDES, Paulo Almeida (2002) – O sítio da Sé de Lisboa antes da Reconquista. *Artis. Revista do Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*. Lisboa. 1, pp. 57-87.

FERNANDES, Paulo Almeida (2005) – Visigótico ou moçárabe? O núcleo de arte da Alta Idade Média da cidade de Lisboa. In ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela, coord. – *Construindo a Memória. As coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 264-293.

FERNANDES, Paulo Almeida (2020b) – O fim de um tempo; o princípio de outro. *Felicitas Iulia Olisipo* entre romanos, bárbaros e cristãos. In CACHÃO, Mário; FREITAS, Maria da Conceição, eds. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. O território e a memória*. Lisboa: Caleidoscópico/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 141-149.

FERNANDES, Paulo Almeida; FERNANDES, Lúcia (2020) – Da cidade romana à cidade medieval: “desmonumentalização” e reconfiguração urbana. In FERNANDES, Lúcia; FERNANDES, Paulo Almeida, eds. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaço(s) de representação de cidadania*. Lisboa: Caleidoscópico/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 214-231.

FILIPE, Vanessa; SANTOS, Raquel (2020) – Banhos termiais na Rua da Adiça. In FERNANDES, Lúcia; FERNANDES, Paulo Almeida, eds. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaço(s) de representação de cidadania*. Lisboa: Caleidoscópico/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 80-85.

FILIPE, Victor; LEITÃO, Manuela; LEITÃO, Vasco; NETO, Nuno; REBELO, P.; RIBEIRO, Rui (2020) – As muralhas de Felicitas Iulia Olisipo. In FABIÃO, Carlos, ed. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. A morfologia Urbana*. Lisboa: Caleidoscópico/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 46-71.

FILIPE, Victor; PIMENTA, João; ALMEIDA, Rui (2021) – Importação de alimentos. In FABIÃO, Carlos; NOZES, Cristina; CARDOSO,

Guilherme, eds. – *Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo. A cidade produtora (e consumidora)*. Lisboa: Caleidoscópio/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 113-125.

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2015) – Cerâmicas comuns da Antiguidade Tardia provenientes do Claustro da Sé de Lisboa, Portugal. In GONÇALVES, Maria José; GÓMEZ-MARTÍNEZ, Susana, coord. – *X Congresso Internacional a Cerâmica Medieval na Mediterrâneo, Silves, 22-27 de Outubro de 2012*. Silves: Câmara Municipal de Silves/Campo Arqueológico e Mértola, pp. 851-860.

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2020) – As Ruas da Sé de Lisboa. In FERNANDES, Lúcia; FERNANDES, Paulo Almeida, eds. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaço(s) de representação de cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 105-109,

GRILLO, Carolina (2014) – Produção e consumo na economia local de *Olisipo*. A cerâmica de imitação de *sigillata* do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. In MORAIS, Rui; FERNÁNDEZ, Adolfo; SOUSA, Maria José, eds. – *As produções cerâmicas de imitação na Hispania. Atas do II Congreso Internacional da SECAH (Braga, 2013)* (Monografias Ex Officina Hispana, II), vol. II. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH), pp. 85-98.

GRILLO, Carolina; FABIÃO, Carlos; BUGALHÃO, Jacinta (2013) – Um contexto tardo-antigo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC). In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César (eds.) – *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 849-857.

GUERRA, Amílcar (2006) – Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de S. Jorge, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 271-297.

GUERRA, Amílcar (2021) – 083. Grafito de *crismon* sobre cerâmica. In BUGALHÃO, Jacinta, ed. – *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. Rua dos Correeiros Archaeological Site*. Lisboa: Fundação Millennium bcp, p. 111.

LAMELAS, Isidro Pereira, introd. e notas (2020) – *Potâmio de Lisboa, escritos*. Lisboa: Universidade Católica Editora. 456 p.

MEDICI, Teresa (2012) – O espólio vitreo do núcleo museológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 14, pp. 313-353.

MOTA, Nuno; MARTINS, Pedro Vasco (2020) – A estrutura urbana da cidade portuária. In FABIÃO, Carlos, coord. - *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. A morfologia urbana*. Lisboa: Caleidoscópio/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 28-45.

MOTA, Nuno; PIMENTA, João; SILVA, Rodrigo Banha da (2014) – Acerca da ocupação romana republicana de Olisipo: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento n.ºs 68-70. *Atas do Con-*

gresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo (Cira Arqueologia, 3 DEZ '14). Vila Franca de Xira: Câmara e Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 149-177.

NETO, Nuno; REBELO, Paulo; GRANJA, Raquel; BRITO, Sara (2020) – *Relatório Final – Palácio Conde Barão de Alvíto – Lisboa*. Neoépica (documento policopiado). Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Processo S – 36188. Direção-Geral do Património Cultural.

NETO, Nuno; REBELO, Paulo; RIBEIRO, Ricardo Ávila; GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra (2021) – As Muralhas de Lisboa: o exemplo dos antigos Armazéns Sommer. In ANTUNES, Ana Sofia; NOZES, Cristina; CARVALHINHOS, Marina; LEITÃO, Vasco, coord. – *II Encontro de Arqueologia de Lisboa. Arqueologia em Meio Urbano. Teatro Aberto, 22 a 24 de Março de 2018*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 301-325.

PARREIRA, Jorge; MACEDO, Marta (2013) – O fundeadouro romano da Praça D. Luís I. In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César, coord. – *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 747-754.

QUARESMA, José Carlos (2020) – Late contexts from *Olisipo* (Lisbon, Portugal): Escadinhas de São Crispim. In DUGGAN, Maria; TURNER, Sam; JACKSON, Mark, eds. – *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and early medieval imported pottery on the Atlantic Seaboard. International symposium. New Castle University, March 26-27th 2014 (Roman and Late Antque Mediterranean Pottery, 15)*. Oxford: Archaeopress, pp. 108-134.

REAL, Manuel L. (1994) – 285 Imposta; 286 Baixo-relevo ornamental. In ARRUDA, Ana, dir. – *Lisboa Subterrânea*. Lisboa/Mi-lão: Sociedade Lisboa 94; Electa, pp. 232-233.


REAL, Manuel L. (1995) – Inovação e resistência: dados recentes sobre a antiguidade cristã no ocidente peninsular. In *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans / Universitat de Barcelona, pp. 17-68.

RIBEIRO, Ricardo Ávila; NETO, Nuno; REBELO, Paulo; ROCHA, Miguel (2017) – Dados preliminares de uma intervenção arqueológica nos antigos Armazéns Sommer, Lisboa (2014-2015) – Três mil anos de História da cidade de Lisboa. In CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da, coord. – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 222-245.

SALVADO, Salette Simões; FERREIRA, Seomara da Veiga (1984) – Alguns elementos pré-românicos reutilizados aos paramentos exteriores da Se de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa. 2.ª Série, 45:7, pp. 3-36.

SANTOS, Ana Beatriz Pereira Amaral dos (2015) – *A Terra Sigillata e a Cerâmica de Cozinha Africana do Edifício Sede do Banco de Portugal (Lisboa)*. Tese de mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/24534>.

- SEPÚLVEDA, Eurico; GOMES, Nuno; SILVA, Rodrigo (2003) – Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores/Rua de S. Nicolau (Lisboa). 1: *a terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 401-414.
- SILVA, Augusto Vieira da (1944) - *Epigrafia de Olisipo (Subsídios para a História da Lisboa Romana)*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa. 331 p.
- SILVA, Manuel Fialho (2017) – *Mutação urbana na Lisboa Medieval: das Taifas a D. Dinis*. Tese de doutoramento em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/29987>.
- FIALHO, Manuel (2018) – O sistema viário da Lisboa Medieval. In SENNA-MARTINEZ, João Carlos; MARTINS, Ana Cristina; CAES-SA, Ana; MARQUES, António; CAMEIRA, Isabel, eds. – *Meios, vias e trajetos... Entrar e Sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa, 2). Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML; Sociedade de Geografia de Lisboa/Secção de Arqueologia, pp. 133-145.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2012) – *As "marcas de oleiro" na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, vol. 2. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/9472>.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2014) – Intervenção arqueológica urbana de 1993 na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva/ Largo das Portas do Sol (Lisboa): as evidências do período romano. *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo* (Cira Arqueologia, 3 DEZ '14). Vila Franca de Xira: Câmara e Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 178-199.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2018) – A "via Norte" de *Olisipo*: a Arqueologia na Praça da Figueira (Lisboa), a caracterização dos troços viários e a dinâmica da paisagem suburbana envolvente. In SENNA-MARTINEZ, João Carlos; MARTINS, Ana Cristina; CAES-SA, Ana; MARQUES, António; CAMEIRA, Isabel, eds. – *Meios, vias e trajetos... Entrar e Sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa, 2). Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML; Sociedade de Geografia de Lisboa/Secção de Arqueologia, pp. 73-86.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2021) – Espaços Funerários: de *Felicitas Iulia Olisipo* a *Olysiopona*. In SILVA, Rodrigo Banha da, coord. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. Para além desta vida. A memória funerária da cidade*. Lisboa: Caleidoscópio/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 24-31.
- SILVA, Rodrigo Banha da; CASIMIRO, Sílvia; ALVES-CARDOSO, Francisca (2021) – Praça da Figueira. In SILVA, Rodrigo Banha da, coord. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. Para além desta vida. A memória funerária da cidade*. Lisboa: Caleidoscópio/Câmara Municipal de Lisboa pp. 44-65.
- SILVA, Rodrigo Banha da; NOZES, Cristina (2020) – As *Thermae Cassiorum*. In FERNANDES, Lúcia; FERNANDES, Paulo Almeida, eds. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaço(s) de representação de cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 69-79.
- TRINDADE, Laura; DIOGO, António Dias (1999) – Inscrição funerária paleocristã da Rua de São Mamede ao Caldas em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico (Suplemento de «Conimbriga»)*. Coimbra. 62, n.º 284.
- VALE, Ana; FERNANDES, Lúcia (1994) – Intervenção Arqueológica no Largo de Santo António da Sé. *Al-madan*. Almada. IIª Série, 3, p. 109.
- VIEGAS, Catarina; FILIPE, Vítor; PIMENTA, João (2021) – Rotas comerciais (comércio interno e externo). In FABIÃO, Carlos; NOZES, Cristina; CARDOSO, Guilherme, eds. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo. A cidade produtora (e consumidora)*. Lisboa: Caleidoscópio/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 127-137.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2022

www.arqueologos.pt